

# Che Guevara e a construção do Homem novo

Augusto C. Buonicore\*

**A** vida política de Che foi curta. Em 1955 encontrou com os revolucionários cubanos no México e em 1967 foi assassinado na Bolívia. Foram, portanto, pouco mais de 10 anos de militância revolucionária. Uma boa parte desse período Che passou diretamente envolvido nas lutas guerrilheiras nas serras cubanas, no Congo e na Bolívia. Nesses anos turbulentos não teve o tempo e a calma necessários para sistematizar as experiências da construção do socialismo em Cuba e, mesmo, para estudar mais profundamente o marxismo-leninismo. Por isso podemos afirmar que ele foi, fundamentalmente, um homem de ação revolucionária.

Ao contrário de revolucionários como Lênin, Trotsky e Mao, ele produziu poucas obras teóricas. Seus escritos, em geral, são sistematizações da experiência da luta guerrilheira em Cuba e tentativas de generalizações dessa experiência para os outros países da América Latina. Estes, por sinal, foram seus textos mais divulgados e, acredito, também os mais problemáticos. No entanto, Guevara escreveu também sobre economia (especialmente quando esteve à frente dos cargos de Ministro da Indústria e de presidente do Banco de Cuba), sobre o Estado, sobre a ideologia socialista e a construção do "Homem novo". Os textos sobre esses assuntos são muito provavelmente seus

trabalhos mais ricos. É sobre eles – e em particular sobre a questão do "Homem novo" – que nos debruçaremos neste artigo, buscando extrair os melhores ensinamentos para os trabalhadores e a juventude socialista.

## Guevara e os problemas econômicos da transição socialista

Após a revolução, Che Guevara assumiu um posto no governo cubano como diretor do setor industrial do Instituto

Nacional de Reforma Agrária (INRA). Mais tarde, em 18 de novembro de 1959, foi indicado para a presidência do Banco Nacional de Cuba e, por fim, para a direção do Ministério da Indústria. Guevara se tornou, assim, o principal responsável pela direção dos assuntos econômicos do novo poder popular; justamente ele, um médico, que jamais estudara seriamente economia. A primeira medida de Che à frente do Banco de Cuba foi baixar seu próprio salário de cinco mil para mil e duzentos pesos.

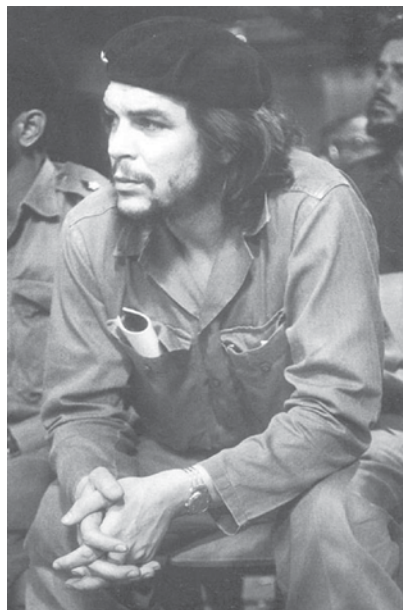


Em 1960 viajou, pela primeira vez, para os países socialistas, com os quais assinou inúmeros tratados comerciais. Guevara foi duramente criticado pelos norte-americanos. Naquele momento o governo de Fidel ainda não havia se decidido claramente pela via do socialismo – afirmava-se apenas como defensor de uma via de tipo terceiro-mundista.

Após a célebre decisão de Cuba de seguir o caminho do socialismo, esse país enfrentou a mesma dificuldade pela qual haviam passado outras revoluções vitoriosas: a fuga dos gerentes, dos técnicos, dos engenheiros e até mesmo dos trabalhadores braçais especializados. Esse quadro foi agravado pelo estado de desordem em que se encontrava toda a economia. Era preciso pô-la para funcionar, era preciso aumentar a produtividade do trabalho, vencer o absenteísmo e a indolência dos trabalhadores, formas primárias de resistência à exploração capitalista, que se enraízam na consciência operária e devem ser debeladas após a revolução socialista.

Visando a vencer esses obstáculos Che lançou um amplo movimento de emulação do trabalho. O ministro Che Guevara criou e liderou os batalhões de trabalho voluntário, participando do corte de cana e da construção de moradias operárias. Seguindo seu exemplo, estudantes, funcionários estatais e trabalhadores intelectuais realizavam atividades produtivas fora do seu tempo de trabalho ou estudo normal. Guevara queria utilizar a força do exemplo para incentivar os trabalhadores a aumentar a produção.

Estabeleceu-se neste momento uma divergência entre Guevara e os especialistas soviéticos e vários membros do Partido em Cuba. Tratava-se de encontrar a melhor forma de incentivar o



trabalhador a produzir mais e melhor. Toda a tradição de construção do socialismo na URSS e no Leste europeu baseava-se, fundamentalmente, na concessão de estímulos materiais para os trabalhadores que atingissem, ou ultrapassassem, as metas impostas pelos órgãos centrais de planejamento. Guevara não negava a necessidade de serem estabelecidos estímulos materiais durante a primeira fase de construção do socialismo, mas acreditava que o movimento de emulação não deveria se assentar principalmente sobre esses estímulos materiais, como havia ocorrido na URSS.

Afirmou Guevara:

*Não negamos a necessidade objetiva do estímulo material, mas estamos relutantes em utilizá-lo como alavanca impulsionadora fundamental. Consideramos que, em economia, esse tipo de alavanca se torna rapidamente uma categoria autônoma e chega a impor rapidamente sua própria força nas relações entre os homens. Não devemos esquecer que ele*

*provém do capitalismo e está destinado a morrer no socialismo*

Criticando os defensores do modelo de emulação de tipo soviético, afirmou ainda Che que, para eles:

*O estímulo material direto, projetado no futuro e acompanhando a sociedade nas diversas etapas da construção do comunismo, não se contrapõe ao 'desenvolvimento' da consciência, enquanto para nós, sim; é por isso que lutamos contra seu predomínio; porque significa o atraso do desenvolvimento da moral socialista*

Era preciso ganhar a consciência dos trabalhadores, era preciso fortalecer neles uma ética socialista que tivesse no trabalho não-alienado sua concretude. O Partido revolucionário e seus militantes teriam um grande papel nesse processo de reeducação da sociedade nova. Escreve ele:

*O grande papel do Partido na unidade de produção é ser seu motor interno e utilizar todas as formas de exemplo de seus militantes para que o trabalho produtivo, a capacitação, a participação nos assuntos econômicos da unidade sejam parte integrante da vida dos operários e se transformem num hábito insubstituível*

Outro aspecto, vinculado ao anterior, que diferenciava o projeto societário de Guevara das experiências do “socialismo real” dizia respeito à igualdade dos salários. No regime soviético as diferenças salariais entre trabalho intelectual e manual,



trabalho especializado e não-especializado, entre função dirigente e subordinada, passaram a ser defendidas como intrínsecas a todo o período de transição do socialismo ao comunismo. Na tradição soviética todo “igualitarismo” passou a ser definido como um desvio pequeno-burguês.

Guevara, ao contrário disso, acreditava que, já no início da transição, o novo Estado Socialista e o Partido Comunista deveriam tomar medidas no sentido de eliminar as mazelas provindas da sociedade capitalista, a saber: divisão estanque entre trabalho intelectual e manual e entre funções de mando e subordinadas, predomínio de incentivos materiais através de maiores salários, desigualdade no acesso a bens de consumo etc. Essas e outras deformações poderiam levar, como ocorreu no caso soviético, à formação de uma burocracia afastada das massas trabalhadoras. Assim, Guevara defendeu que o socialismo buscasse, necessariamente, a igualdade dos salários e das condições de vida. Isso deveria implicar, inclusive, em sacrifícios para várias camadas de trabalhadores, especialmente dos setores médios e da burocracia.

A respeito disso afirmou Guevara:

*Esta tarefa de distribuição dos bens do país é a mais difícil e a mais penosa; estamos empenhados nela agora para repartir de modo eqüitativo nossa pobreza, para que ninguém deixe de comer, de se vestir, de receber educação, atendimento médico e também para que ninguém receba demais (...) não deve recair sobre os tra-*

*balhadores a desgraça de pertencer a uma indústria de pouca rentabilidade ou a sorte excessiva de estar numa indústria das mais rentáveis*

E continuou:

*Os trabalhadores que hoje têm salários acima da norma terão seus salários congelados e o trabalhador que ingresse na produção passará a um trabalho similar, não com o salário daquele companheiro que tinha adquirido seu direito anteriormente, mas com o novo salário*

O trabalho voluntário realizado pela juventude comunista e por membros do governo era uma das muitas medidas visando a valorizar o trabalho manual-produtivo e, em certo sentido, a reduzir o fosso existente entre os dois tipos de trabalho - intelectual e manual.

Apesar da existência de certo voluntarismo, uma vontade de pular etapas - que se traduz no ritmo acelerado da estatização do conjunto dos meios de produção, na eliminação dos incentivos materiais, no nivelamento salarial e na tentativa de redução do espaço de ação da lei do valor -, Che levantou questões essenciais que devem ser enfrentadas logo nos primeiros dias da transição socialista. Em outras palavras, seria preciso realizar, ao lado do desenvolvimento das forças produtivas, uma verdadeira revolução das relações de produção - eliminando gradualmente as diferenças entre trabalho intelectual e manual, entre funções de execução e de mando e, nos níveis salariais e de vida, entre as diversas camadas de trabalha-

dores e entre elas e os membros do aparato estatal.

Talvez sejam essas teses guevaristas, muitas das quais aplicadas pelo Estado cubano, elementos fundamentais para o melhor entendimento da incrível capacidade de resistência do poder popular em Cuba durante todos estes anos, apesar do cerco imperialista e da débâcle soviética. É preciso aprender com essa experiência, mesmo tomando cuidado para não adotá-la como “modelo ideal”, a ser aplicado de maneira extemporânea, independentemente de quaisquer particularidades nacionais.

### **Guevara e a construção do Homem novo**

Trataremos a seguir do tema central deste artigo, que se relaciona intimamente às idéias econômicas de Guevara expostas acima: a construção do Homem novo. Sabemos que este figura, em lugar de destaque, no projeto societário socialista. O “Homem novo” deveria ser a principal obra da revolução, a qual só poderia ser completada na sociedade comunista futura. No entanto, acreditava Che, era preciso começar a construí-lo no processo mesmo da luta revolucionária. Os germes do “Homem novo” deveriam estar presentes já no militante revolucionário comunista. Usando uma idéia cara a Gramsci, o comunista deveria ser uma prefiguração do “Homem novo”, do Homem do futuro.

A respeito disso afirmou Che:

*Neste período de construção do socialismo, podemos ver o Homem novo que vai nascendo. Sua imagem não está ainda acabada; não poderia estar nunca (...). O importante é que os homens vão adquirindo*



*cada dia mais consciência da necessidade de sua incorporação à sociedade e, ao mesmo tempo, de sua importância como motores dela*

O sistema capitalista, em seu processo de produção e de reprodução, não cria apenas mercadorias e mais-valia, cria também homens incompletos, fragmentados, ou seja, alienados. Sobre esse processo afirmou Che:

*O exemplar humano, alienado, tem um invisível cordão umbilical que o liga à sociedade (capitalista) em seu conjunto: a lei do valor. Ela atua em todos os aspectos de sua vida, vai modelando seu caminho e seu destino (...) As leis do capitalismo, invisíveis para o comum dos mortais, e cegas, atuam sobre o indivíduo sem que este perceba*

As particularidades do processo de transição ao socialismo, que pressupõe a permanência do mercado e de suas leis – inclusive a lei do valor – levam a que a sociedade nova ainda conviva, por algum tempo, com elementos das ideologias predominantes no capitalismo – as ideologias burguesa e pequeno-burguesa. Estas continuam a se reproduzir, ameaçando o futuro da transição se não forem contidas pela ação firme e consciente do novo poder popular e socialista.

“As taras do passado”, afirmou Che,

*Se transferem para o presente na consciência individual, e é preciso fazer um trabalho contínuo para erradicá-las (...) A nova so-*

*riedade em formação tem que competir muito duramente com o passado (...) pelo próprio caráter desse período de transição com a persistência das relações mercantis. A mercadoria é a célula econômica da sociedade capitalista; enquanto existir, seus efeitos se farão sentir na organização da produção e, por conseguinte, na consciência*

Por esse motivo Che colocou-se contra os métodos de emulação que priorizassem as concessões de estímulos materiais – aumento de quotas de consumo, prêmios de produtividade etc. Segundo ele, a necessidade do aumento rápido da produção levou à “tentação de seguir caminhos trilhados do interesse material”, correndo-se o risco de perseguir o sonho irrealizável de buscar construir o socialismo com a ajuda “das armas defeituosas que nos foram legadas pelo capitalismo”; estas fariam um lento trabalho de sabotagem sobre o desenvolvimento de uma consciência verdadeiramente socialista dos trabalhadores de vanguarda. “Daí”, afirmou Che, “ser importante escolher corretamente o instrumento de mobilização das massas. Esse instrumento deve ser de índole moral (...) A sociedade em seu conjunto deve se converter em uma gigantesca escola”.

A persistência da ideologia burguesa, engendrada pelas leis de mercado, levam o trabalhador a considerar natural a vinculação direta entre sua produtividade média e seu acesso ao consumo de mais e melhores mercadorias. “Justamente por isso”, afirmou Guevara, “a ação do Partido de Vanguarda consiste em levantar ao máximo a bandeira oposta, a do interesse moral (...), a ban-

deira dos homens que lutam, se sacrificam e não esperam nada mais do que o reconhecimento por parte de seus companheiros”.

Guevara prossegue afirmando:

*O estímulo moral, a criação de uma nova consciência socialista é o ponto em que devemos nos apoiar, onde devemos chegar e ao qual devemos dar ênfase (...) O estímulo material é o resquício do passado com o qual se deve contar, mas cuja importância deve diminuir na consciência das pessoas na medida em que o processo avança (...) O estímulo material não fará parte da nova sociedade que está se criando, deverá se extinguir no caminho*

Para Guevara, o Homem no socialismo, “apesar da sua aparente homogeneização, é mais completo (...) e sua possibilidade de se expressar e de se fazer sentir no aparato social é infinitamente maior”. O socialismo seria o momento de recuperação da integralidade humana, da construção do Homem multidimensional, do Homem desalienado. O socialismo plenamente realizado representaria a apropriação, pelos homens, das condições de produção e reprodução de sua vida.

Esse processo teria início com a implantação do planejamento consciente e democrático da produção econômica e da própria sociedade. Assim, o Homem tomaria seu destino nas mãos. Afirmou Che: “É preciso acentuar sua participação consciente, individual e coletiva, em todos os mecanismos de direção e de produção (...) Assim obterá a consciência total de seu ser social,

o que equivale à sua realização plena como criatura humana, rompidas as cadeias da alienação.” E concluiu: “o Homem realmente alcança sua plena condição humana quando produz sem a compulsão da necessidade física de vender-se como mercadoria.”

Seguindo uma indicação do jovem Marx, Guevara constata que o trabalhador “morre diariamente nas oito horas em que atua como mercadoria para ressuscitar em sua criação espiritual”. Mas, no capitalismo, mesmo o lazer e a produção cultural não passam de tentativas de fuga. “A lei do valor não é mero reflexo das relações de produção”, afirma Che. Ela perpassa todas as relações humanas, inclusive fora do trabalho. Na sociedade atual “a angústia sem sentido ou o passatempo vulgar constituem válvulas cômodas para a inquietação humana”. Seriam também, nessa perspectiva, elementos úteis à reprodução do sistema.

O trabalho desalienado é uma categoria importante para Guevara. Exclusivamente através dele teríamos a possibilidade de constituição do Homem novo. Por isso a renovação e valorização do trabalho, especialmente o manual-produtivo, deveria ser tarefa central do novo poder popular e socialista. O trabalho manual-produtivo não poderia ser a sina dos definidos como menos aptos, como o é nas sociedades capitalistas. No capitalismo, o trabalho desqualificado é sinônimo de baixos salários e de precarização das condições de vida, principalmente quando comparado às formas “superiores” de trabalho – o trabalho intelectual e de gerenciamento dos processos produtivos. Em função disso, para Guevara o socialismo deveria fundar também uma nova ética do trabalho.



Em busca desse objetivo, foram criados os batalhões de trabalho voluntário, nos quais estudantes, trabalhadores, intelectuais e funcionários públicos de todos os escalões se integravam à produção por meio do trabalho manual. Conseqüente com esse modelo, a educação da nova geração cubana deveria valorizar a integração harmônica do estudo com o trabalho.

Referindo-se aos jovens cubanos ele afirmou: “Sua educação é cada vez mais completa, não nos esquecemos de sua integração ao trabalho desde os primeiros momentos. Nossos bolsistas fazem trabalho físico em suas férias ou simultaneamente ao estudo. O trabalho é um prêmio em certos casos, um instrumento de educação em outros; nunca um castigo.”

Portanto, o trabalho manual deveria se livrar do estigma de martírio e castigo que de certa forma carregou inclusive nas experiências socialistas. Não é demais lembrar que algumas delas tinham no deslocamento para os trabalhos manuais uma forma de castigo destinada aos opositores do regime, sendo o exemplo mais condenável dessa

“O revolucionário verdadeiro é guiado por grandes sentimentos de amor”.

concepção a expansão do trabalho forçado na URSS nas décadas de 1930 e 1940.

A sociedade socialista em construção deveria livrar-se também da velha concepção capitalista segundo a qual a capacidade de consumo de mercadorias seria a medida de todos os homens. Se o socialismo resolvesse competir nesse terreno estaria de antemão derrotado. Não seria possível oferecer um nível de consumo superior ao existente nas sociedades capitalistas avançadas para toda a população, nem a curto e nem a longo prazo. Sobre isso afirmava Guevara:

*Não se trata de quantos quilos de carne se coma ou de quantas vezes por ano alguém possa ir passear na praia, nem de quantas maravilhas que vêm do exterior possam ser compradas com os salários atuais. Trata-se, precisamente, de que o indivíduo se sinta mais pleno, com mais riqueza interior e com muito mais responsabilidade*

Outra característica do humanismo socialista defendido por Che é o internacionalismo. O ser comunista se confundia para ele com o ser internacionalista, com o ter amor pela humanidade. “Permita-me dizer-lhes”, afirmou ele,

*Com o risco de parecer ridículo, que o revolucionário verdadeiro é guiado por grandes sentimentos de amor. É impossível pensar em um revolucionário au-*



*têntico sem essa qualidade (...). Nosso revolucionário de vanguarda tem que idealizar esse amor aos povos, às causas mais sagradas e fazê-lo único, indivisível*

O militante da causa socialista não deve se contentar apenas em realizar as tarefas locais e se bastar com elas. Mesmo as pequenas vitórias cotidianas podem adormecer o espírito transformador e levar ao acomodamento, situação que pode ocasionar a morte da revolução e da possibilidade de realização plena do socialismo. “Se o afã de revolucionário se debilita quando as tarefas mais prementes se realizam a nível local e se esquece do internacionalismo proletário, a revolução (...) deixa de ser uma força impulsionadora e desaparece numa cômoda modorra”. Ainda sobre isso conclui Che: “Não pode existir socialismo se nas consciências não se opera uma mudança que provoque uma nova atitude fraternal diante da humanidade”.

No belíssimo texto *O que deve ser um jovem comunista*, Guevara reafirma suas teses humanistas e internacionalistas:

*O que se coloca para todo jovem comunista é ser essencialmente humano, ser tão humano que se aproxime do melhor dos humanos. Purificar o melhor do Homem através do trabalho, do estudo, da prática da solidariedade contínua com o povo e com todos os povos do mundo; desenvolver o máximo de sensibilidade, até o ponto de sentir-se angustiado quando em algum canto do mundo um homem é assassinado e até o ponto de sentir-se entusiasmado quando em algum canto do mundo se levanta uma nova bandeira de liberdade*

Contraditoriamente, a vitória

“Não pode existir socialismo se nas consciências não se opera uma mudança que provoque uma nova atitude fraternal diante da humanidade”

da revolução pode levar à burocratização dos quadros dirigentes do Estado e do Partido, sendo por isso necessário um constante processo de vigilância e educação ideológica. A burocratização é um instrumento a serviço da contra-revolução.

*Contra-revolucionário é todo aquele que contraria a moral revolucionária (...). É (também) aquele senhor que, valendo-se de sua influência, consegue uma casa, consegue depois dois carros, viola o racionamento e obtém depois tudo o que o povo não tem (...). Aquele que utiliza suas influências boas ou ruins em proveito pessoal ou de seus amigos, este é contra-revolucionário*

Assim, para Che o dirigente do Partido e do Estado deve ter uma conduta exemplar, sendo esse um fator determinante para a conquista das massas tendo em vista a edificação do socialismo.

A tarefa de construção do homem novo é colossal. Sua realização exige vontade férrea, e grandes sacrifícios, dos dirigentes revolucionários. Não se realizará de uma só vez, conhecerá avanços e recuos. Os métodos serão importantes – por isso é preciso encontrar métodos novos, adequados à nova sociedade socialista que se quer construir. Mas essa tarefa é possível de ser realizada e nela se assentará a possibilidade de realização do sonho socialista de homens e mulheres libertos da exploração, da opressão de toda espécie – uma humanidade emancipada.

A respeito disso afirmou Guevara:

*Se alguém nos disser que somos quase uns românticos, que somos idealistas inveterados, que estamos pensando em coisas impossíveis e que não se pode conseguir da massa do povo que ela seja quase um arquétipo humano, temos que responder uma e mil vezes que sim, que isso é possível, que estamos no caminho certo, que todo o povo pode avançar, acabar com a mesquinhez humana como está acontecendo em Cuba nestes quatro anos de revolução*

Antes de partir para sua última aventura na Bolívia ele escreveu a seus pais: “Outra vez sob meus calcanhares o lombo de Rocinante, retomo o caminho com meu escudo no braço (...) Muitos dirão que sou aventureiro, eu sou de fato, só que de um tipo diferente, daqueles que entregam a pele para demonstrar suas verdades.”

No dia 9 de outubro de 1967 o comandante Ernesto Che Guevara morreu lutando pela realização desse ideal. Do seu exemplo militante nascerá a nova geração de homens e mulheres novos. Até a vitória, sempre! 🇨🇺

\***AUGUSTO CÉSAR BUONICORE** é historiador, mestre em Ciência Política pela Unicamp; membro do Conselho Consultivo do CEMJ.

Este artigo foi composto a partir de trechos do ensaio “O pensamento vivo de Che Guevara”, publicado originalmente no Portal Vermelho ([www.vermelho.org.br](http://www.vermelho.org.br)) em 2002 e republicado no mesmo portal em 09/10/2007.